

## TEMA 20. A Eucaristia (II)

A Santa Missa é sacrifício em sentido próprio e singular, porque *representa* (torna presente), no hoje da celebração litúrgica da Igreja, o único sacrifício da nossa redenção e porque é dele o *memorial* e porque *aplica* o seu fruto.



PDF: A Eucaristia (II)

### 1. A dimensão sacrificial da Santa Missa

#### 1.1. Em que sentido a Santa Missa é sacrifício?

A Santa Missa é *sacrifício* em sentido próprio e singular, e é “novo” em relação aos sacrifícios das religiões naturais e do Antigo Testamento: é *sacrifício* porque a Santa Missa *representa* (torna presente), no hoje da celebração litúrgica da Igreja, o único sacrifício da nossa redenção, porque é seu *memorial* e *aplica* o seu fruto (cf. *Catecismo*, 1362-1367).

A Igreja cada vez que celebra a Eucaristia está chamada a acolher o dom que Cristo lhe oferece e, portanto, a participar no sacrifício do seu Senhor, oferecendo-se com Ele ao Pai pela salvação do mundo. Logo, pode-se afirmar que a Santa Missa é o sacrifício de Cristo e da Igreja.

Veremos mais detalhadamente estes dois aspectos do Mistério Eucarístico.

#### 1.2. A Eucaristia, presença sacramental do sacrifício redentor de Cristo

Como temos dito, a Santa Missa é verdadeiro e propriamente sacrifício pela sua relação directa – de identidade sacramental – com o único sacrifício, perfeito e definitivo da Cruz [1]. Esta relação foi instituída por Jesus Cristo na Última Ceia, quando entregou aos Apóstolos, sob as espécies do pão e do vinho, o seu *Corpo oferecido em sacrifício e o seu Sangue derramado em remissão dos pecados*, antecipando no rito memorial o que iria acontecer historicamente, pouco depois, sobre o Gólgota. Desde então, a Igreja, sob o guia e a virtude do Espírito Santo, não cessa de cumprir o mandato de reiteração que Jesus Cristo deu aos seus discípulos: «Fazei isto em Minha memória [como meu memorial]» (*Lc* 22,19; *1 Cor* 11,24-25). Deste modo, “anuncia” (torna presente com a palavra e o sacramento) «a morte do Senhor» (ou seja, o seu sacrifício: cf. *Ef* 5,2; *Heb* 9,26), «até que Ele venha» (portanto, a sua Ressurreição e Ascensão gloriosas) (cf. *1 Cor* 11,26).

Este anúncio, esta proclamação sacramental do Mistério Pascal do Senhor, é de particular eficácia, pois não só se representa *in signo*, ou *in figura*, o sacrifício redentor de Cristo, mas também se torna verdadeiramente presente. O *Catecismo da Igreja Católica* expressa-o do seguinte modo: «A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a actualização e a oferta sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo» (*Catecismo*, 1362). Portanto, quando a Igreja celebra a Eucaristia, pela consagração do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo, torna-se presente a mesma vítima do Gólgota, agora gloriosa; o próprio sacerdote, Jesus Cristo; o mesmo acto de oferta sacrificial (a oferta primordial da Cruz) inseparavelmente unido à presença sacramental de Cristo; oferta sempre actual em Cristo ressuscitado e glorioso [2]. Só muda a manifestação externa desta entrega: no Calvário, mediante a paixão e morte de Cristo; na Santa Missa, através do memorial-sacramento: a dupla consagração do pão e do vinho no contexto da Oração Eucarística (imagem sacramental da imolação da Cruz) [3].

Concluindo: a Última Ceia, o sacrifício do Calvário e a Eucaristia estão estreitamente relacionados: a Última Ceia foi a antecipação sacramental do sacrifício da Cruz; a Eucaristia, que então Jesus Cristo instituiu, perpetua (torna presente) ao longo dos tempos, ali onde se celebra sacramentalmente, o único sacrifício redentor do Senhor, para que todas as gerações possam entrar em contacto com Cristo e acolher a salvação que Ele oferece à humanidade inteira [4].

### 1.3. A Eucaristia, sacrifício de Cristo e da Igreja

A Santa Missa é o sacrifício de Cristo e da Igreja, porque cada vez que se celebra o mistério eucarístico, ela, a Igreja, participa no sacrifício do seu Senhor, entrando em comunhão com Ele – com a sua oferta sacrificial ao Pai – e com os bens da redenção que Ele nos obteve. Toda a Igreja oferece e é oferecida em Cristo ao Pai pelo Espírito Santo. Assim o afirma a tradição viva da Igreja, tanto nos textos da liturgia como nos ensinamentos dos Padres e do Magistério [5]. O fundamento desta doutrina encontra-se no princípio de união e cooperação entre Cristo e os membros do seu Corpo, claramente exposto pelo Concílio Vaticano II: «Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada» [6].

#### ***A Igreja oferece com Cristo***

A participação da Igreja – o Povo de Deus hierarquicamente estruturado – na oferta do sacrifício eucarístico está legitimada pelo mandato de Jesus: «fazei isto em minha memória [como meu memorial]» e reflecte-se na fórmula litúrgica «*memores... offerimus... [tibi Pater]... gratias agentes... hoc sacrificium*», frequentemente utilizada nas Orações Eucarísticas da Igreja Antiga [7] e igualmente presente nas actuais Orações Eucarísticas [8].

Como testemunham os textos da liturgia eucarística, os fiéis não são simples espectadores dum acto de culto realizado pelo sacerdote celebrante; todos podem e devem participar na oferta do sacrifício eucarístico, porque em virtude do Baptismo foram incorporados em Cristo e formam parte da «linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido em propriedade, (...) povo de Deus» (1 Pe 2,9); ou seja, do novo Povo de Deus em Cristo, que Ele próprio continua a reunir à sua volta para que, de um confim ao outro da Terra, se ofereça ao Seu nome um sacrifício perfeito (cf. *Mi* 1,10-11). Oferecem não só o culto espiritual do sacrifício das obras e da sua existência inteira, mas também – em Cristo e com Cristo – a Víctima pura, santa e imaculada. Tudo isto comporta o exercício do sacerdócio comum dos fiéis na Eucaristia.

Entre a oferta da Igreja e a de Cristo não há justaposição, mas identificação. Os fiéis não oferecem um sacrifício diferente do de Cristo, pois ao unirem-se a Ele tornam possível que incorpore a oblação da Igreja à Sua, de tal modo que a oferta da Igreja é a mesma oferta de Cristo. E é Ele, Jesus Cristo, quem oferece, incorporado ao seu, o sacrifício espiritual dos fiéis. A relação entre estes dois aspectos não se pode caracterizar como justaposição nem como sucessão, mas como presença de um e de outro.

#### ***A Igreja é oferecida a Cristo***

A Igreja, em união com Cristo, não só oferece o sacrifício eucarístico, mas também é oferecida n'Ele pois, como Corpo e Esposa, está inseparavelmente unida à sua Cabeça e ao seu Esposo.

O ensinamento dos Padres é muito claro e este respeito. Para S. Cipriano, a *Igreja oferecida* (a oblação invisível dos fiéis) está simbolizada na oferta litúrgica dos dons do pão e do vinho, misturado com algumas gotas de água, como matéria do Sacrifício do Altar [9]. Para S. Agostinho, é claro que no Sacrifício do Altar toda a Igreja é oferecida com o seu Senhor, e que isto se manifesta na própria celebração sacramental: «Esta cidade plenamente redimida, ou seja, a assembleia e a sociedade dos santos, é oferecida a Deus como um sacrifício universal pelo Sumo Sacerdote que, sob a forma de escravo, se ofereceu por nós na sua Paixão, para fazer de nós o corpo de uma tão grande Cabeça... Tal é o sacrifício dos cristãos: sendo muitos, não formamos mais que “um só corpo em Cristo»” (*Rm* 12,5). A Igreja celebra este mistério no sacramento do altar, bem conhecido dos fiéis, onde se mostra que, no que ela oferece, se oferece a si mesma » [10]. Para S. Gregório Magno, a celebração da Eucaristia é um estímulo para que imitemos o exemplo do Senhor, oferecendo a nossa vida ao Pai como Jesus fez; deste modo, chegará até nós a salvação que provém do sacrifício da Cruz do Senhor: «É necessário que quando celebramos

este sacrifício eucarístico nos ofereçamos a Deus de coração contrito, porque ao celebrarmos os mistérios da paixão do Senhor devemos imitar aquilo que fazemos. Então a hóstia ocupará o nosso lugar junto de Deus, se nos fazemos hóstias a nós mesmos» [11].

A própria liturgia eucarística não deixa de expressar a participação da Igreja, sob o influxo do Espírito Santo, no sacrifício de Cristo: «Olhai benignamente para a oblação da vossa Igreja: vede nela a vítima que nos reconciliou convosco, e fazei que, alimentando-nos do Corpo e Sangue do vosso Filho, cheios do Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito. O Espírito Santo faça de nós uma oferenda permanente...» [12]. De modo semelhante se pede na Oração Eucarística IV: «Olhai, Senhor, para esta oblação que preparastes para a vossa Igreja; e concedei, por vossa bondade, a quantos vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice, que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, sejamos em Cristo uma oferenda viva para louvor da vossa glória».

A participação dos fiéis consiste antes de mais em unirem-se interiormente ao sacrifício de Cristo, tornado presente sobre o altar graças ao ministério do sacerdote celebrante. Não se pode dizer de nenhum modo que os fiéis “concelebram” com o sacerdote [13], já que só ele actua *in persona Christi Capitis*. Mas, na verdade, concorrem para a celebração do sacrifício por meio do sacerdócio comum recebido no Baptismo. Esta participação interior deve manifestar-se na participação exterior: na comunhão (estado de graça), nas respostas e nas orações que os fiéis rezam com o sacerdote; nas posições; e às vezes, também na realização de alguns ritos, como a proclamação das leituras ou a oração dos fiéis.

Pelo que respeita ao Magistério contemporâneo, basta citar este texto do *Catecismo da Igreja Católica*: «A Eucaristia é igualmente o sacrifício da Igreja. A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa na oblação da sua Cabeça. Com Ele, ela própria é oferecida integralmente. Ela une-se à sua intercessão junto do Pai em favor de todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho unem-se aos de Cristo e à sua oblação total, adquirindo assim um novo valor. O sacrifício de Cristo presente sobre o altar proporciona a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unirem à sua oblação» (*Catecismo*, 1368).

A doutrina enunciada tem importância fundamental para a vida cristã. Todos os fiéis estão chamados a participar na Santa Missa pondo em exercício o seu sacerdócio real, ou seja, com a intenção de oferecer a sua própria vida sem mancha de pecado ao Pai, com Cristo, Vítima imaculada, em sacrifício espiritual-existencial, restituindo-o com amor filial e em acção de graças por tudo o que d’Ele receberam.

Os fiéis devem procurar que a Santa Missa seja realmente *centro e raiz da sua vida interior* [14], orientando para ela o seu dia inteiro, o trabalho e todas as suas acções. Esta é uma manifestação central da “alma sacerdotal”. Nesta linha, S. Josemaria exorta-nos: «Luta por conseguir que o Santo Sacrifício do Altar seja o centro e a raiz da tua vida interior, de maneira que toda a jornada se converta num acto de culto – prolongamento da Missa que ouviste e preparação para a seguinte –, que vai transbordando em jaculatórias, em visitas ao Santíssimo, no oferecimento do teu trabalho profissional e da tua vida familiar...» [15].

As missas sem participação de povo, têm também carácter público e social. Os seus efeitos estendem-se a todos os tempos e lugares. Daí a grande conveniência de que os sacerdotes celebrem todos os dias, mesmo quando possa não haver participação de fiéis [16].

## **2. Fins e frutos da Santa Missa**

A Santa Missa, enquanto *re-presentação* sacramental do sacrifício de Cristo, tem os mesmos fins que o sacrifício da Cruz [17]. Esses fins são os seguintes:

- *latrêutico* (louvar e adorar a Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo);

- *eucarístico* (dar graças a Deus pela criação e pela redenção);
- *propiciatório* (desagravar a Deus pelos nossos pecados);
- *impetratório* (pedir a Deus os seus dons e as suas graças).

Isto expressa-se nas diversas orações que formam parte da celebração litúrgica da Eucaristia, especialmente no Glória, no Credo, nas diversas partes da Anáfora ou Oração Eucarística (Prefácio, *Sanctus*, *Epiclesis*, *Anámnesis*, Intcessões, Doxologia final), no Pai Nosso, e nas orações próprias de cada Missa: Oração Colecta, Oração sobre as oferendas, Oração depois da Comunhão.

Tais frutos de santidade não se determinam identicamente em todos os que participam no sacrifício eucarístico; serão maiores ou menores segundo a inserção de cada um na celebração litúrgica e na medida da sua fé e devoção. Assim, participam de maneira diversa dos frutos da Santa Missa: toda a Igreja; o sacerdote que celebra e os que, unidos com ele, concorrem à celebração eucarística; os que, sem participar na Missa, se unem espiritualmente ao sacerdote que celebra; e aqueles por quem a Missa se aplica, que podem ser vivos ou defuntos [18].

Quando um sacerdote recebe uma oferta para que aplique os frutos da Missa por uma intenção, fica gravemente obrigado a fazê-lo [19].

*Ángel García Ibáñez*

#### Bibliografia básica

*Catecismo da Igreja Católica*, 1356-1372.

João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 17-IV-2003, nn. 11-20; 11-20.

Bento XVI, Ex. ap. *Sacramentum Caritatis*, 22-II-2007, nn. 6-15; 16-29; 34-65.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Instrução *Redemptionis Sacramentum*, 25-III-2004, nn. 36-47; 48-79.

#### Leituras recomendadas

S. Josemaria, «A Eucaristia, Mistério de Fé e de Amor», *Cristo que Passa*, 83-94.

J. Ratzinger, *Deus próximo de nós. A Eucaristia centro da vida*, Tenacitas, Coimbra 2005, pp. 33-84.

J. Echevarría, *Eucaristia e Vida Cristã*, Diel, Lisboa 2009, pp. 59-99; 189-294.

A. García Ibáñez, «A Santa Missa, centro e raiz da vida do cristão», *Romana* 28 (1999), pp. 148-165 (publicado em português em [www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)).

J. R. Villar; F. M. Arocena; L. Touze, «Eucaristia», em C. Izquierdo (dir), *Dicionário de Teologia*, Eunsa, Pamplona 2006, pp. 358-360.

#### Notas

[1] O *Catecismo da Igreja Católica* expressa-o assim: «O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício» (*Catecismo*, 1367).

[2] Nesta linha, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: «Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus actos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua “Hora” (3), Jesus vive o

único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-se à direita do Pai “uma vez por todas” (*Rm* 6, 10; *Heb* 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, devorados pelo passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece e atrai tudo para a vida*» (*Catecismo*, 1085).

- [3] O signo sacramental da Eucaristia não causa de novo, não produz nem reproduz a realidade feita presente (não volta a renovar o sacrifício cruento da Cruz, pois Cristo ressuscitou e «a morte não tem mais poder sobre Ele» (*Rm* 6, 9), nem causa em Cristo nada que não possua já plena e definitivamente: não exige novos actos de imolação e de oferta sacrificial em Cristo glorioso). A eucaristia simplesmente torna presente uma realidade preexistente: a Pessoa de Cristo – o Verbo encarnado, que foi crucificado e ressuscitou – e, n'Ele, do acto sacrificial da nossa redenção. O signo só Lhe oferece um novo modo de presença, sacramental, permitindo, como veremos a seguir, a participação da Igreja no sacrifício do Senhor.
- [4] Neste sentido, afirma o Concílio Vaticano II: «Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”» (*1 Cor* 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção» (*Lumen Gentium*, 3).
- [5] Cf. *Catecismo*, 1368-1370.
- [6] Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7.
- [7] Cf. Oração Eucarística da *Tradição Apostólica* de S. Hipólito; *Anáfora de Addai e Mari*; *Anáfora de S. Marcos*.
- [8] Cf. Missal Romano, Oração Eucarística I (*Unde et memores e Supra quae*); Oração Eucarística III (*Memores igitur; Respice quaesumus e Ipse nos tibi*); expressões semelhantes encontram-se nas Orações II e IV:
- [9] Cf. S. Cipriano, *Ep.* 63, 13: CSEL 3, 71.
- [10] S. Agostinho, *De Civ. Dei*, 10, 6: CCL 47,279.
- [11] S. Gregório Magno, *Dialog.*, 4,61,1: SChr 265,202
- [12] Missal Romano, Oração Eucarística III: *Respice, quaesumus e Ipse nos tibi*.
- [13] Cf. Pio XII, Carta Encíclica *Mediator Dei* (DS 3850); Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Instrução *Redemptionis Sacramentum*, 42.
- [14] Cf. S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 87.
- [15] S. Josemaria, *Forja*, 69.
- [16] Cf. Concílio de Trento, *Doutrina sobre o Santíssimo Sacrifício da Missa*, cap. 6: DS 1747; Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 13; João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 31; Bento XVI, Ex. ap. *Sacramentum Caritatis*, 80.

- [17] Esta identidade de fins baseia-se não só na intenção da Igreja celebrante, mas sobretudo na presença sacramental do próprio Jesus Cristo: ainda são actuais e operativos n'Ele os fins pelos quais ofereceu a sua vida ao Pai (cf. *Rm* 8, 34; *Heb* 7, 25).
- [18] A aplicação do que acabamos de falar – trata-se de uma oração especial de intercessão – não implica nenhum automatismo na salvação; a esses fiéis, a graça não chega de modo automático, mas na medida da sua união com Deus pela fé, esperança e amor.
- [19] Cf. Código de Direito Canónico, *cân.* 945-958. Com esta aplicação particular, o sacerdote celebrante não exclui das bênçãos do sacrifício eucarístico os outros membros da Igreja, nem a humanidade inteira; simplesmente inclui alguns fiéis de modo especial.